

# Capítulo 6: Avaliação Preliminar dos Mamíferos do Baixo Rio Purus

Fernando César Weber Rosas, Renata Santoro Sousa-Lima & Vera Maria Ferreira da Silva



Foto: Paulo Santos/Interfoto

*Inia geoffrensis*

## 6.1 Introdução

### 6.1.1 Mamíferos Aquáticos

As cinco espécies de mamíferos aquáticos da Amazônia, a saber, *Inia geoffrensis* (boto-vermelho), *Sotalia fluviatilis* (tucuxi), *Trichechus inunguis* (peixe-boi da Amazônia), *Lontra longicaudis* (lontra) e *Pteronura brasiliensis* (ariranha) ocorrem no rio Purus. Duas destas espécies são consideradas pela IUCN (2000) como “vulneráveis à extinção” (peixe-boi e boto-vermelho), duas como “insuficientemente conhecidas” (tucuxi e lontra) e uma como “ameaçada de extinção” (ariranha). No entanto, na região do rio Purus, não existem informações científicas acerca do estado atual de conservação das populações naturais dessas espécies, assim como sua utilização atual para subsistência e/ou comércio pelos moradores locais.

#### 6.1.1.1 O Boto e o Tucuxi

Entre as várias espécies de mamíferos descritos para a bacia do rio Purus, encontram-se as duas únicas espécies de cetáceos de água doce do Novo Mundo: o boto ou boto vermelho (*Inia*

*geoffrensis*) e o tucuxi (*Sotalia fluviatilis*). Esses dois golfinhos distribuem-se por toda a bacia do rio Amazonas e exercem um papel importante no folclore e nas tradições dos povos amazônicos (Slater, 1994; Tocantins, 1982).

Estas espécies encontram-se no topo da cadeia alimentar e estão entre os maiores predadores nos sistemas aquáticos da bacia Amazônica. Por serem altamente móveis, exploram diversos habitats e possuem uma dieta bastante diversificada que inclui mais de 68 espécies de peixes (da Silva, 1986). Sendo assim, estas espécies atuam como reguladoras das populações de peixes da região, mantendo-as saudáveis e em equilíbrio, podendo ser consideradas indicadores visíveis da densidade de peixes (da Silva, 1986; Junk & da Silva, 1999).

No passado, o óleo do boto foi utilizado para iluminação de lamparinas e como unguento para dores reumáticas (Ferreira, 1972). Não existem relatos históricos do uso tradicional da carne desses golfinhos na alimentação do amazônida, embora eventos esporádicos tenham sido registrados (da Silva, dados não publicados).

Por serem bastante carismáticos, visíveis durante todo o ano e apresentarem fidelidade no uso de áreas, essas duas espécies de golfinhos estão sendo monitoradas e utilizadas com sucesso como recurso turístico na RDS-Mamirauá (da Silva & Martin, no prelo).

#### 6.1.1.2. O Peixe-boi

Historicamente abundante em toda bacia do rio Amazonas, visto “em lotes de 15 a 30 indivíduos” na época de acasalamento (Nunes Pereira, 1944), o peixe-boi da Amazônia é atualmente considerado vulnerável à extinção, em consequência da caça indiscriminada para

comércio de sua carne e seu couro (Best, 1984; Rosas, 1994). A espécie foi extremamente abundante no rio Purus, principalmente nos lagos Jari e Piraiuaras/Ayapuá, e foi intensamente caçada e comercializada na região (Domning, 1982).

Tanto o peixe-boi, como o pirarucu (*Arapaima gigas*), que ocorriam nos lagos do Purus nos anos 40 já não tinham a importância histórica que possuíam no início do século (Nunes Pereira, 1944), mas ainda encontravam-se abundantes. Nunes Pereira (1944) afirma que o lago Ayapuá, outrora famoso pelas suas miraculosas pescarias, estava gravemente empobrecido e já se observava a necessidade de impor-se, o quanto antes, medidas de fiscalização comercial para a conservação do pirarucu e do peixe-boi na área. Este autor sugeria ao extinto Serviço de Caça e Pesca que se estabelecessem no Purus, **Parques de reservas**, e também as providências seguintes: 1) exigir licenças anuais para os pescadores amadores e profissionais (membros de cooperativas de pesca); 2) proibir terminantemente a caça no período da procriação do peixe-boi (dezembro a fevereiro); 3) exigir dos proprietários de terras com lagos a proibição da caça do peixe-boi nos meses acima; 4) proibir o comércio e exportação de couro de peixe-boi imaturo (pequenos).

A observação direta do peixe-boi da Amazônia na natureza é praticamente impossível. O hábito críptico da espécie dificulta a obtenção de informações acerca da sua biologia, demografia e *status* de conservação, tornando necessário entrevistas com a comunidade local que utiliza o peixe-boi tradicionalmente como caça de subsistência, e utilizando técnicas modernas de radiotelemetria

e de monitoramento acústico no campo (Baptista & Gaunt, 1997).

### **6.1.1.3 A Lontra e a Ariranha**

A lontra e a ariranha, de maneira análoga ao peixe-boi, também foram intensamente caçadas na Amazônia, e suas peles exportadas para confecção de casacos da alta-costura internacional (Carter & Rosas, 1997). Face à caça predatória ocorrida no passado, a ariranha estava, até recentemente, classificada como “vulnerável à extinção” pela IUCN (1996). No entanto, Carter & Rosas (1997), considerando os critérios estipulados pela IUCN (1994), recomendaram a elevação do *status* de conservação de *P. brasiliensis* da categoria de “vulnerável”, para “ameaçada de extinção”. Tal recomendação foi acatada e a ariranha hoje está na lista atual de espécies ameaçadas de extinção da IUCN (2000). Em função do comportamento discreto e da dificuldade de observação e acompanhamento de indivíduos na natureza, o conhecimento acerca da biologia e ecologia da lontra (*L. longicaudis*) é ainda muito incipiente, e a espécie está listada pela IUCN (2000) como “insuficientemente conhecida”.

Apesar do histórico detalhado de Nunes Pereira (1944) sobre a fauna do rio Purus, não há relato sobre a ocorrência de ariranhas e lontras em seu trabalho. A literatura registra a ocorrência de ariranhas apenas para a região do alto Purus (Carter & Rosas, 1997), muito provavelmente pela inexistência de amostragem na área, e não pela ausência da espécie.

### **6.1.2 Mamíferos Não Aquáticos**

Paralelamente aos levantamentos dos mamíferos aquáticos, a nossa equipe, e as dos demais cientistas presentes, anotaram os registros visuais e/ou acústicos de outros mamíferos

em vida selvagem, ou mantidos como animais de estimação pelos moradores locais. As ocorrências de mamíferos citadas pelos moradores durante as entrevistas também foram consideradas.

### **6.1.3 Objetivos Gerais**

Nesta primeira Expedição ao baixo rio Purus nossa equipe teve os seguintes objetivos:

- 1) Identificar a ocorrência das espécies de mamíferos aquáticos ao longo do rio Purus;
- 2) Estimar as densidades relativas do boto-vermelho e do tucuxi na região;
- 3) Estimar a importância do peixe-boi da Amazônia como recurso pelas comunidades ribeirinhas;
- 4) Determinar frequência de captura acidental de boto e tucuxi pelos moradores locais;
- 5) Verificar eventuais capturas de filhotes de lontras e ariranhas para comercialização como animais de estimação para turistas;
- 6) Coletar e identificar restos fecais de peixe-boi, lontra e ariranha no intuito de investigar o hábito alimentar dessas espécies, e realizar análises parasitológicas;
- 7) Coletar carcaças de animais encontrados mortos na região para estudos genéticos, histológicos, histopatológicos e osteológicos.

## **6.2 Material & Métodos**

### **6.2.1 Boto e Tucuxi**

Foram feitos no baixo rio Purus (desde a boca no Solimões até a região de Três Bocas), entre o período de 3 a 14 de junho de 2001, um total de 5 horas de levantamentos (2h subindo o rio – cerca de 31 km; 3h – cerca de 66 km descendo o rio) para estimativas de densidade

do boto e do tucuxi, utilizando-se a técnica de transecto de banda, de cerca de 150m de largura (da Silva & Martin, 2000).

### **6.2.2 Peixe-boi**

Foram visitados pontos ao longo do percurso da expedição e realizadas dezesseis entrevistas nas comunidades, pois os caçadores de peixe-boi são geralmente figuras chave nestas comunidades e conhecem os hábitos e a distribuição local da espécie.

A partir das entrevistas foram realizadas saídas de barco aos locais indicados pelos caçadores de peixe-boi, onde era mais provável se verificar a presença desta espécie nesta época do ano. Nos locais indicados foi realizado o monitoramento acústico da área. Utilizou-se hidrofones (HTI 90MIN) conectados a gravadores portáteis (Sony modelos TCD 5M e WMD 6C) e fones de ouvido para ajuste do nível de gravação. O uso de um alto-falante à prova d'água (Oceaneers DRS - 8) possibilitou que os animais fossem estimulados a se aproximarem do hidrofone e a responderem vocalmente aos chamados de outros indivíduos gravados previamente em cativeiro no Laboratório de Mamíferos Aquáticos do INPA (Sousa-Lima & da Silva, 2000).

### **6.2.3 Ariranha e Lontra**

A partir das entrevistas foram realizadas saídas em canoas de madeira, sem motor, aos locais indicados pelos moradores onde seria mais provável verificar a ocorrência destas espécies nesta época do ano. Foram também realizadas saídas independentes para inspeção de igapós e barrancos de terra firme para localização de tocas, paragens, abrigos e outros vestígios, como pegadas e presença de fezes de ariranhas e/ou lontras, bem como coleta de

fezes, caso fossem identificadas latrinas comunitárias.

Os relatos dos moradores sobre localização recente de grupos de ariranhas nortearam saídas de “espera”, e após determinada a presença da espécie, o local foi monitorado no início ou fim do dia, no intuito de surpreender os animais no começo ou no fim de sua atividade diurna, e obter o registro visual do grupo. Para os grupos visualizados, o seu tamanho e composição foram registrados.

## **6.3 Resultados**

### **6.3.1 Boto e Tucuxi**

Foram calculadas as densidades relativas de 1,5 botos e 2,4 tucuxis/km de margem nas avistagens subindo o rio; e 3,7 botos e 0,94 tucuxis/km nas avistagens descendo o rio. O tamanho de grupo mais freqüente tanto de tucuxi (n = 36 avistagens) quanto de boto (n = 28 avistagens) foi de um indivíduo (n = 15; n = 21), seguido por grupos de dois (n = 9; n = 4) e de três indivíduos (n = 7; n = 2), respectivamente. Grupos com cinco ou mais indivíduos para ambas espécies foram bastante raros (n = 2).

Durante as entrevistas nas proximidades de Beruri foi registrado o consumo de carne de boto e, no lago Surara, de carne de tucuxi.

### **6.3.2 Peixe-boi da Amazônia**

Foram realizadas entrevistas com 17 pessoas indicadas pelos próprios comunitários como sendo as com maior conhecimento sobre o peixe-boi da Amazônia na área (Tab. 6.1). Destas, apenas uma pessoa, moradora da comunidade de São Tomé (próximo à Beruri), disse não saber se há peixe-boi naquele local. O restante dos entrevistados assegurou a presença e abundância local da espécie, princi-

palmente na época de seca, quando os animais se concentram nas áreas mais profundas dos lagos e rios (poços).

Um total de 53% dos entrevistados relataram que a espécie era mais abundante no passado e que a população está diminuindo. Outros 23,5% afirmaram que a população está como antes, e 12% que existe uma população maior hoje em dia do que no passado.

Quatro entrevistados mencionaram que em um único dia já observaram de 1 a 10

peixes-boi. Outras três pessoas estimaram o número máximo de animais avistados em um único dia em mais de 20 indivíduos.

Informações acerca da dieta do peixe-boi, com base nas entrevistas realizadas, está apresentada na Tabela 6.2.

Os entrevistados revelaram que na época da seca, quando os animais não têm acesso às plantas da margem e já consumiram todas as plantas flutuantes, eles se alimentam das plantas que germinaram durante a seca no fundo dos

**Tabela 6.1.** Esforço de coleta de informações sobre o peixe-boi, o boto e o tucuxi no rio Purus (L = lago).

Dia	Esforço acústico (min)	Esforço de playback (min)	Esforço de gravação (min)	Espécie(s) gravada(s)	Número de Vocalizações gravadas	Local de monitoramento acústico	Comunidade	Número de entrevistas
4	62	30	15	boto	7	Baixa do Aristides (Sacado de Sta. Luzia)	Sacado de Santa Luzia	1
5	23	10	13	tucuxi	38	3 Bocas / Lago Campina (Beabá)	Beabá/ Bom Jesus / São Francisco das Três Bocas	4
6	116	39	30	tucuxi peixe-boi	10 151	Poço do Varela (Beabá)	-	0
7	0	0	0	-	0	-	Nova Esperança / Santa Luzia	3
8	153	92	13	boto tucuxi peixe-boi	17 6 15	Lago Jari (Paraná Seixo) Lago Arapari - L. Jari	-	0
9	0	0	0	-	0	-	Aldeia Deus é Amor / São José	2
10	81	68	4	boto	12	L. Ayapuá (Paraná do Ayapuá)	L. Ayapuá / L. Uauaçú	2
11	54	53	0	-	0	-	Itapuru / Cuianã	2
12	0	0	0	-	0	-	L. do Matias	1
13	15	0	0	-	0	-	Surara	1
14	78	57	7	boto tucuxi	15	São Tomé	São Tomé	1
Total	582	349	82	boto tucuxi peixe-boi	51 54 166			17

**Tabela 6.2.** Itens consumidos pelos peixes-boi, segundo os moradores entrevistados no baixo rio Purus.

DENOMINAÇÃO REGIONAL	PARTE UTILIZADA DA PLANTA	ESPÉCIE
Canarana	folha, broto	<i>Echinochloa polystachya</i>
Canarana lisa ou bico-de-pato	folha, broto	<i>Hymenachne</i> sp.
Arroz bravo	folha	<i>Oryza</i> sp.
Murirú	toda	<i>Eichhornia crassipes</i>
Murirú	toda	<i>Eichhornia azurea</i>
Repolhinho d'água ou muriru pajé	toda	<i>Pistia stratiotes</i>
Camarão quiçá	toda	<i>Utricularia foliosa</i>
?	toda	<i>Azolla</i> sp.
Caribe	toda	<i>Salvinia</i> sp.
Murim ou membeca	folha, broto	<i>Paspalum repens</i>
viral, Envira	fruta, caroço	?
Macaquinho	folha	?
Xibé (tipo de matupá)	mistura de plantas	.
Taboquinha (na seca)	?	?
Pipioca	?	?
Lodo do fundo (na seca)	.	.
Areia (na seca)	.	.

**NÚMERO TOTAL DE ITENS: 15**

lagos (quando começa a enchente). No pico da estação seca, quando a água ainda não começou a subir, os animais se alimentam somente do lodo (lama) e da areia do fundo dos lagos mais profundos (poços), corroborando o que já havia sido relatado por Best (1983). Muitos relataram que ao “tratar” o animal somente encontraram areia e lama nos intestinos.

Segundo os entrevistados existem quatro “qualidades” de peixe-boi na Amazônia: o “camuti”, pequeno e gordo, sem mancha esbranquiçada na parte ventral; o “paracuúba”, o que cresce mais e é cheio de “quilhas” na região ventral; o “azeite”, que tem mais gordura que os demais e apresenta coloração rósea no focinho; e finalmente, o “peixe-boi comum” ou “pretinho”, com a mancha clara na região ventral. Possivelmente todas estas “qualidades” sejam animais em diferentes estados de desenvolvimento e nutrição de *Trichechus inunguis*, ou ainda, casos de variação intra-específica.

O peixe-boi é ainda utilizado como recurso alimentar pela maioria das populações ribeirinhas e indígenas visitadas, principalmente para subsistência. Pelo menos 13 pescadores mataram algum peixe-boi no ano de 2000. Como a época de seca é aquela na qual se realiza a caça deste animal, não foi possível obter informações sobre o número de pescadores ativos e/ou animais abatidos em 2001.

Relatos sobre uma matança grande de aproximadamente 180 animais no lago Jari em 1998/1999 foram consistentes em pelo menos três comunidades. Acredita-se que a comercialização da carne e da “mixira” (carne frita conservada na banha do próprio animal) ainda ocorra em pequena escala, porém, depois da proibição da comercialização deste recurso e da ação de fiscalização do IBAMA, o preço diminuiu muito. Atualmente, uma lata de mixira de 20 litros é vendida por cerca de R\$ 100,00 (US\$ 40.00) e o quilo da carne de peixe-boi para venda aos “regatões” custa somente R\$ 1,50 (US\$ 0.60), enquanto a carne do pirarucu é vendida a R\$ 3,00/

kg (US\$ 1.20/kg).

A ocorrência de pelo menos três peixes-boi foi identificada pelo registro acústico. Dois gravados na calha principal do rio Purus, próximo à comunidade Beabá, e um no lago Arapari, na região do lago Jari.

### 6.3.3 Lontra e Ariranha

Foi registrada a ocorrência de mustelídeos aquáticos (ariranha e lontra) em diversas localidades da bacia do rio Purus, no trecho compreendido entre São Francisco das Três Bocas (próximo ao limite da Reserva Biológica do Abufari) e São Tomé (próximo à desembocadura com o rio Solimões).

As entrevistas revelaram que os mustelídeos aquáticos ocorrem principalmente em águas pretas ou claras (Tab. 6.3) por serem predadores que utilizam a visão para captura de seu alimento (Rosas *et al.*, 1999).

A ocorrência de ariranhas esteve sempre ligada à existência de terras firmes nas imediações, fator este relacionado ao hábito desta espécie em construir tocas às margens dos igarapés, onde os animais descansam e procriam (Carter & Rosas, 1997). Por outro lado, de acordo com as entrevistas realizadas com os moradores, a lontra utiliza uma maior diversidade de habitats, ocorrendo também em igapós e regiões de várzea. Esta maior flexibilidade no uso do habitat pelas lontras se deve ao fato de que a espécie não faz tocas, e normalmente utiliza abrigos naturais, como buracos de árvores, e portanto não depende de terra firme para se abrigar (Rosas, no prelo).

Das 16 localidades amostradas quanto à ocorrência de mustelídeos aquáticos, 56,25% alegaram que no passado vendiam pele de lontras e ariranhas para os regatões, as quais, segundo os moradores, eram utilizadas para confecção de

bolsas e cintos. O valor das peles declarado por um morador foi de R\$ 150,00 (US\$ 60.00) a unidade. No entanto, todos foram unânimes em afirmar que não praticam mais a captura de mustelídeos devido à inexistência de mercado. Apenas em duas localidades (12,5%) os moradores declararam não fazer uso algum (passado ou presente) de lontras e ariranhas. O comércio de filhotes foi declarado por um morador, perfazendo apenas 6,25% do total entrevistado. Alguns índios Apurinã alegaram consumir eventualmente carne de ariranha.

Interações com as atividades pesqueiras foram relatadas em 31,25% das entrevistas. Na localidade do Sacado de Santa Luzia os moradores alegaram que as ariranhas chegam junto da canoa para apanhar os peixes já capturados. Em São Francisco das Três Bocas ocorreu uma captura acidental de lontra em espinhel para tambaqui (*Colossoma macropomum*). Moradores da comunidade de Santa Luzia (lago Jari) e do paraná do Jari, declaram que as ariranhas, por vezes, espantam os peixes e podem também atrapalhar a pesca do pirarucu com o barulho que fazem. No igarapé do Bacaba (lago Jari) um morador alegou que ariranhas podem atacar malhadeiras para retirar os peixes emalhados.

No decorrer da expedição foi avistado, durante uma das nossas saídas de “espera”, um grupo de cerca de nove ariranhas. Este grupo era composto por 6 a 7 indivíduos adultos e sub-adultos, e no mínimo dois filhotes ainda dentro da toca, indicando que nesta época do ano podem ocorrer nascimentos.

### 6.3.4 Mamíferos Não Aquáticos

Apesar de nenhum especialista estar presente na Expedição, e dos registros de ocorrência de mamíferos não aquáticos terem sido pontuais e aleatórios, o volume dessas informa-

**Tabela 6.3.** Número de entrevistas realizadas com moradores do baixo Purus acerca da ocorrência, tipo de habitat e uso que dão à ariranha e à lontra.

Dia	Número de entrevistas	Espécies	Cor da água	Habitat	Uso	Localidade
4	1	ariranha lontra	preta	igarapé/ igapó	nenhum	Sacado de Sta. Luzia
5	4	ariranha lontra	preta	lago / igapó	vendiam pele para regatão	S. Francisco das Três Bocas / Beabá / Lago Campina / Bom Jesus
7	4	ariranha lontra	preta branca	lago / rio / paraná / igapó / igarapé	vendiam pele para regatão	Nova Esperança (Lago Jari) / Santo Agostinho / Sta. Luzia (Lago Jari) / Igarapé Bacaba (Lago Jari)
8	0	ariranha	preta	igarapé / igapó	-	Lago Jari/ Igarapé do Pires
9	2	ariranha lontra	preta	lago / igarapé / igapó	Apurinãs eventualmente comem ariranha	Paraná do Jari, L. Arumã (contato visual ariranhas) / Aldeia Deus é Amor / Lago do Mira
11	2	ariranha lontra	preta	igarapé/ igapó	vendiam pele para regatão	Itapurú / Cuiuanã
13	2	ariranha aontra	preta	igarapé várzea	vendiam pele para regatão	São Sebastião, Surara
14	1	lontra	clara	várzea	vendiam pele para regatão	São Tomé / Paraná da Castanha
Total	16					

ções foi relevante, e é válido como uma lista preliminar da mastofauna local. No total, foram registradas 28 espécies de mamíferos de sete ordens diferentes (Tab. 6.4). Cinco destas espécies estão inclusas na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN (2000).

#### 6.4 Discussão

A qualidade e quantidade de informação obtidas durante as entrevistas estão diretamente relacionadas com a atividade principal na comunidade. Nas comunidades pesqueiras foi possível entrevistar até três pessoas, enquanto em comunidades agrícolas foi difícil encontrar alguém que pudesse fornecer informações confiáveis acerca do peixe-boi da Amazônia, e

de outros mamíferos aquáticos como a lontra e a ariranha, visíveis somente em locais com pouca perturbação antrópica.

Os dados obtidos de botos e tucuxis no baixo Purus confirmam sua abundância quando comparados com outras áreas. No alto Amazonas, a densidade estimada para rios maiores é de 2,8 tucuxi/km<sup>2</sup> e 4,8 botos/km<sup>2</sup> de superfície de água (Vidal *et al.*, 1997); na Amazônia central 0,59 tucuxi e 0,22 botos por km (Magnusson *et al.*, 1980), enquanto que na várzea na Amazônia Central (área da RDS-Mamirauá) a densidade foi de 4-25 botos/km<sup>2</sup> (Martin & da Silva, 2000). Levantamentos mais detalhados em uma área maior são necessários.

Esses golfinhos exibem a maior densidade para qualquer espécie de cetáceo (baleias e golfinhos) no mundo. Isto sugere a existência de uma alta produtividade e diversidade de peixes na região amostrada, capaz de suportar uma alta densidade de golfinhos, caracterizando um recurso turístico permanente ao longo de todo o ano para a futura Reserva.

A ocorrência do peixe-boi na área visitada

também foi verificada, assim como a utilização atual de sua carne como uma fonte importante de proteína animal para as populações humanas locais e, eventualmente, para a comercialização. Tal fato, representa, também, uma enorme perda de informação científica, pois todo o material biológico não utilizado para o consumo (órgãos reprodutores, intestinos, crânio, pele) é descartado.

É difícil fazer com que os caçadores admi-

**Tabela 6.4.** Lista de mamíferos não aquáticos registrados durante a Expedição ao baixo Purus. **CA** = criticamente ameaçado de extinção, **V** = vulnerável à extinção, **BR** = baixo risco, **NL** = não listado, segundo os critérios da IUCN (2000); e **IC** = insuficientemente conhecida

Ordem	Espécie	Nome comum	Classificação
Xenarthra	<i>Bradypus tridactylus</i>	preguiça de três dedos	NL
	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	tamanduá-bandeira	V
	<i>Cyclopes didactylus</i>	tamanduá	NL
	<i>Euphractus</i>	tatu	NL
Chiroptera	<i>Noctilio sexcinctus</i>	morcego-pescador	NL
Primates	<i>Alouatta belzebul</i>	guariba, capelão	CA
	<i>Pithecia pithecia</i>	macaco-velho, parauacá	NL
	<i>Saimiri sciureus</i>	mico-de-cheiro	NL
	<i>Lagotrix lagotricha</i>	barrigudo	NL
	<i>Cebus</i> sp.	macaco-prego	NL
	<i>Aotus</i> sp.	macaco-da-noite	NL
Carnivora	<i>Nasua nasua</i>	coati	NL
	<i>Potos faus</i>	jupará	NL
	<i>Panthera onca</i>	onça-pintada	BR
	<i>Felis concolor</i>	sussuarana, onça-parda	NL
	<i>Felis pardalis</i>	gato-maracajá	NL
	<i>Felis</i> sp.	gato-do-mato	NL
Perissodactyla	<i>Tapirus terrestris</i>	anta	BR
Artiodactyla	<i>Mazana americana</i>	veado	IC
	<i>Tayassu pecari</i>	queixada	NL
	<i>Pecari tajacu</i>	catitu	NL
Rodentia	<i>Sciurus</i> sp.	quatipuru	NL
	<i>Oryzomys</i> sp.	rato	NL
	<i>Coendou</i> sp.	porco-espinho	NL
	<i>Hydrachaeis hydrochaeris</i>	capivara	NL
	<i>Agouti paca</i>	paca	NL
	<i>Dasyprocta agouti</i>	cotia	NL
	<i>Dactylomys</i> cf. <i>dactylinus</i>	coró-coró	NL
Número Total	28 espécies		

tam que ainda matam peixe-boi, e quando o fazem, omitem importantes informações sobre o número de animais abatidos. A Lei de Proteção à Fauna e a ação do IBAMA fiscalizando, coíbem a matança tanto comercial quanto de subsistência, fazendo com que as carcaças de animais mortos sejam escondidas e que a estimativa da pressão de caça seja viciada, pois as informações obtidas não condizem com a realidade.

É necessário que haja uma melhor interação entre as comunidades ribeirinhas, (caboclas e indígenas), pesquisadores e fiscais, no sentido de maximizar o aproveitamento de animais eventualmente abatidos. Somente com uma mudança na abordagem para o controle da caça junto às comunidades, será possível conhecer melhor a biologia do peixe-boi da Amazônia e avaliar o impacto real causado pela caça sobre as populações naturais desta espécie na região do baixo rio Purus.

A partir da obtenção de informações atuais sobre a presença do peixe-boi na região do rio Purus, será possível a formulação de linhas de estudo desta espécie na área, e de recomendações para sua preservação e para o estabelecimento de estratégias de manejo quando cientificamente viável.

Os entrevistados alegaram que, atualmente, não comercializam peles de lontras e ariranhas por falta de mercado para as peles, e não pela ausência da espécie na região. Portanto estes animais não constituem mais um recurso para a população de ribeirinhos. A ocorrência destes mustelídeos é freqüente ao longo da área amostrada, e pode se tornar um importante recurso turístico face ao carisma e beleza destas espécies em seu ambiente natural. Best (1984) menciona que embora a ariranha seja um dos mais espetaculares mamíferos sul-americanos, pouco se conhece sobre a

sua biologia e ecologia.

A área amostrada no rio Purus durante esta Expedição revelou ter altíssimo potencial para estudos biológicos e ecológicos de lontras e ariranhas. Ayres & Best (1979) e Rosas *et al.* (1991) já mencionavam a importância de se criar áreas protegidas juntamente com programas de conscientização e educação ambiental, com o apoio do amazônida como uma solução para a conservação e o desenvolvimento sustentável da Amazônia. Neste sentido, a criação de uma RDS no baixo Purus, utilizando os conhecimentos dos moradores da região e integrando com os trabalhos de pesquisa e conservação, não somente garantirá a conservação das espécies, como também poderá proporcionar melhoria da qualidade de vida destes moradores, que no caso dos mustelídeos aquáticos, poderão utilizar o recurso como potencial turístico.

O levantamento das espécies de mamíferos terrestres foi realizado circunstancialmente e certamente as espécies raras e mais ameaçadas não foram registradas devido à metodologia não sistemática de coleta dos dados. Apesar disso, 18% das espécies registradas estão listadas pela IUCN (2000) e portanto indicam que a área tem grande importância na conservação da diversidade de espécies da mastofauna.

## 6.5 Bibliografia Citada

- Ayres, J.M.; Best, R. 1979. Estratégias para a conservação da fauna amazônica. *Acta Amazonica*, supl. 9(4): 81-110
- Baptista, L. F.; Gaunt, S. L. L. 1997. Chapter 9. Bioacoustics as a tool in conservation studies. In: Clemmons, J. R. & Buchholtz, R. (Eds.). *Behavioral Approaches to Conservation in the wild*. Cambridge University Press, U.S.A. p. 212-242.
- Best, R.C. 1983. Apparent dry-season fasting in Amazonian manatees (Mammalia:Sirenia). *Biotropica*, 15(1): 61-64.
- Best, R.C. 1984. The aquatic mammals and reptiles of the Amazon. In: H. Sioli (Ed.). *The Amazon. Limnology and*

- Landscape Ecology of a Mighty Tropical River and its Basin*. Dr. W. Junk Publishers. p. 371-412,
- Carter, S.K.; Rosas, F.C.W. 1997. Biology and conservation of the Giant Otter, *Pteronura brasiliensis*. *Mammal Review*, 27(1): 1-26.
- da Silva, V.M.F. 1984. Separação ecológica dos golfinhos de água doce da Amazônia. *Prim. Reun. Trab. Esp. Mam. Acuat. A. del Sur*, 25-29 Jun., 1984, Buenos Aires, 215-227.
- da Silva, V.M.F.; Martin, A.R. 2000. A study of the boto, or Amazon River dolphin (*Inia geoffrensis*), in the Mamirauá Reserve, Brazil: Operation and Techniques. Pp. 121-130. In: R. R. Reeves, B.D. Smith & T. Kasuya (Eds.). *Biology and Conservation of Freshwater Cetaceans in Asia*. IUCN, Gland, Switzerland, 152 pp.
- da Silva, V. M. F.; Martin, A. R. (no prelo). Porque golfinhos e desenvolvimento sustentável são mutuamente vantajosos na Reserva Mamirauá. In: Ayres, J.M.; Queiroz, H. (Eds). *Bases para o Plano de Manejo da RDS Mamirauá*. Série Mamirauá, Sociedade Civil Mamirauá.
- Domning, D.P. 1982. Commercial exploitation of manatees *Trichechus* in Brazil c. 1785-1973. *Biological Conservation*, 22: 101-126.
- Ferreira, A. R. 1972. *Viagens Filosóficas pelas Capitâneas do Grão Para, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. 2 Vols. Conse. Fed. De Cultura, Rio de Janeiro.
- IUCN, 1994. *1994 IUCN Red List of Threatened Animals*. IUCN, Gland, Switzerland, 286 p.
- IUCN, 1996. *1996 IUCN Red List of Threatened Animals*. IUCN, Gland, Switzerland, 448 p.
- IUCN, 2000. *2000 IUCN Red List of Threatened Species*. IUCN, Gland, Switzerland, xviii + 61 p.
- Junk, W. J.; da Silva, V. M. F. 1999. Mammals, reptiles and amphibians. In: Junk, W.J. (ed). *The Central Amazon Floodplain. Ecology of a Pulsing System*. Springer Ecological Studies Vol. 126, p. 409-417.
- Magnusson, W. E.; Best, R. C.; da Silva, V. M. F. 1980. Numbers and behaviour of Amazonian dolphins, *Inia geoffrensis* and *Sotalia fluviatilis* in the Solimões, Brazil. *Aquatic Mammals*, 8 (1): 27-32.
- Nunes-Pereira, 1944. O peixe-boi da Amazônia. *Boletim do Ministério da Agricultura*, Rio de Janeiro, 33(5):21-95.
- Rosas, F.C.W. 1994. Biology, Conservation and Status of the Amazonian Manatee *Trichechus inunguis*. *Mammal Review*, 24 (2): 49-59.
- Rosas, F.C.W. (no prelo). *Lutra longicaudis*. Species Accounts. In: Cintra, R. (Ed.). *História Natural, Ecologia e Conservação da Biota Amazônica*.
- Rosas, F.C.W.; Colares, E.P.; Colares, I.G.; da Silva, V.M.F. 1991. Mamíferos Aquáticos da Amazônia Brasileira. In: A.L. Val; R. Figliuolo & E. Feldberg (Eds). *Bases Científicas para Estratégias de Preservação e Desenvolvimento da Amazônia: Fatos e Perspectivas*, Vol.I. Inpa. Manaus. p. 405-411.
- Rosas, F.C.W.; Zuanon, J.A.S.; Carter, S.K. 1999. Feeding ecology of the giant otter *Pteronura brasiliensis*. *Biotropica*, 31 (3): 502-506.
- Slater, C. 1994. *Dance of the Dolphin*. Transformation and Disenchantment in the Amazonian Imagination. The University of Chicago Press. Chicago and London 314 p.
- Sousa Lima, R.S.; da Silva, V.M.F. 2000. Lack of species-specific vocal recognition in Amazonian manatees - *Trichechus inunguis*. *J. Acoust. Soc. Am.*, Vol. 108 (5): 2542.
- Tocantins, L. 1982. *Amazônia - Natureza, Homem e Tempo: Uma Planificação Ecológica*. Col. Retratos do Brasil, vol. 105. Ed. Civilização Brasileira. 177 p.
- Vidal, O., J. Barlow, L.A. Hurtado, Torre J.; Cendon; P.; Ojeda Z. 1997. Distribution and abundance of the Amazon River dolphin (*Inia geoffrensis*) and the tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) in the upper Amazon River. *Mar. Mam. Sci.* 13: 427-445.

Mamíferos

